

Minas não tem interlocutores para negociar alianças

por Durval Guimarães
de Belo Horizonte

Sem candidato próprio disputando o Palácio do Planalto, Minas Gerais assistiu, como uma espécie de terra de ninguém, à invasão do seu território por candidatos que aqui garimpavam seus votos sem pedir licença e nada negociar, a não ser aceitar, com condescendência olímpica, as adesões locais. Foi nessa condição, portanto, que os dois mais votados no estado, Fernando Collor de Mello e Luiz Inácio Lula da Silva, emergiram do primeiro turno com cerca de 50% dos votos dos mineiros e defrontando-se com a ausência de interlocutores para negociar os 50% restantes.

Vamos às contas: cerca de 10% pertencem a Afif e Maluf, somados, que, a rigor, não dispõem de tutor, preposto ou lá quem quer que seja para falar em nome de ambos, embora tivessem em Minas seus vices. Bonifácio de Andrada, vice de Maluf e representante residual do PDS, foi derrotado em sua terra natal, Barbacena. Aloísio Pimenta, vice de Afif, não dispõe sequer de uma base territorial, já que passou muitos anos exilado e não pode contar a não ser com os farmacêuticos como ele ou alunos e professores do tempo em que foi reitor da Universidade Federal de Minas Gerais.

Provavelmente não aparecerá ninguém para negociar em nome dos 5% dos votos oferecidos a Ulysses. Quem, de posse de suas facilidades, assumiria o desprestígio de uma votação tão miserável, numa terra onde o PMDB possui governador, a maioria dos prefeitos, dos deputados estaduais e a maior bancada do partido no Congresso?

Nessa vala comum repousam também os destroços do PFL, melancolicamente sepultados com os 3% dos votos oferecidos a Aureliano Chaves. Votos que sequer pode-se afirmar serem do próprio candidato — pois com certeza não pertencem ao partido — mas que foram depositados em seu nome, na urna, apenas como um gesto de solidariedade a quem foi atirado ao mar sem bote ou salva-vida.

Também não fará uma expressiva colheita quem buscar os campos semeados em Minas por Leonel Brizola. Segundo os dados que o TRE vem divulgando — sempre com atraso — foi sofrível o desempenho do candidato em Minas, uma das causas decisivas do seu naufrágio.

A essas alianças de poucos resultados, somam-se as reclamações contra as já efetuadas no primeiro turno. Quando concordou com a campanha do senador Itamar Franco como



Pimenta da Veiga

vice de sua chapa, Fernando Collor de Mello esperava um grande desempenho em Juiz de Fora, segundo maior colégio eleitoral do estado, e na Zona da Mata. Quando aceitou a adesão da vice-governadora Junia Marise, Collor contava com uma vitória expressiva na capital. No entanto, perdeu em Juiz de Fora e em Belo Horizonte, nos dois casos para o seu adversário no segundo turno.

Quem conhece Itamar, porém, sabe que ele não é homem de renúncias, sobretudo à vice-presidência numa chapa com muitas chances de vitória.

A única aliança disponível em Minas será certamente com o PSDB, que tem em Belo Horizonte o único prefeito de capital: Pimenta da Veiga. Na sexta-feira, em declaração

a este jornal, Pimenta mostrou a perplexidade enfrentada pelo seu partido. Foi o terceiro colocado no estado mas sabe que essa votação é muitas vezes maior que o partido em Minas. Está convencido de que a imagem perseguida pelo PSDB está mais próxima de Lula do que de Collor, mas é este candidato, e não o outro, que defende o parlamentarismo, um item fundamental no programa do PSDB. "Nós ainda estamos desenvolvendo um processo de consultas às bases mas poderemos até optar por uma postura de neutralidade", explicou.

Não dispondo mais de luz própria, como no passado, os líderes da tradicional política mineira imitam satélites em busca de estrelas verdadeiras. Na sexta-feira, o ex-governador Hélio Garcia anunciou através de seu porta-voz, o deputado Roberto Brant, que apoiará Collor de Mello. Mas não causou a menor ressonância. No mesmo dia, outro ex-governador, Francelino Pereira, também se mostrou propenso a apoiar a candidatura de Lula. Melhor se não o tivessem feito, tantas foram as ironias e os gracejos que a direção do PT lhe endereçaram publicamente, através da imprensa. Agora, como no primeiro turno, Minas continua uma terra de ninguém.